

# No Meio do Pinheiral Coberto

DO FRONT, PARA O "DIARIO CARIOCA"

## de Neve, Uma Aldeia Brasileira

COM A FEB NA ITALIA —  
(De Rubem Braga, correspondente  
do DIARIO CARIOCA — Via aérea  
— Janeiro de 1945).

Os homens que tiveram do Brasil no terceiro escalão da FEB — e que chegaram aqui em começos de dezembro—estão acampados em um bosque de pinheiros.

Quando passamos por lá o trabalho era intenso. Ajudados por carpinteiros e outros trabalhadores italianos, os soldados carregavam madeira, serravam tóros, levantavam cabanas, capinavam o terreno, cavavam fossas, instalavam cozinhas, abriam valas, calçavam de pedras os caminhos. Metade do serviço já está feito, e esse novo acampamento é muito superior ao anterior. No segundo escalão, morávamos. Pegamos um pedaço de madeira em barracas mal ajambradas, bloqueadas pela lama sob a chuva eterna, com ven-

tos que entravam pelos cantos e atravessavam a barraca. Houve semanas de vida quase anfibia, em que tomar um banho verdadeiro era um problema de heroísmo e andar limpo e barbeado era alguma coisa digna da medalha de Mérito Militar.

Estes homens chegaram no inverno e foram desbasta um bosque em um terreno um pouco mais alto. Estão mais organizados. Pequenos problemas que nos atormentavam foram resolvidos por eles: o das lavadeiras, por exemplo, que ora invadiam no acampamento, ora ficavam bloqueadas numa entrada distante, e que aqui são fichadas e têm dias certos de trazer a roupa.

Ha uma emulação entre os batalhões, as companhias, os pelotões para ver quem se instala melhor. Muitas barracas de lona verde não estão plantadas no chão: estão suspensas, como cobertas de cabanas de madeira, assoalhadas — umas

construídas com tóros horizontais, como as casas rusticas do Canadá, e por dentro forradas de grosso papelão, outras com as paredes feitas de tabuas.

Os pracinhas — como os de nosso escalão — trouxeram barracas que servem para dois homens. Mas aqui resolveram instalar barracas para dez homens.

E aproveitaram as outras, pequenas, enchendo-as de feno e transformando-as em colchões, que são postos sobre ginaus que eles construíram. Esse colchão é forrado por um cobertor, e cada pracinha dispõe de mais quatro cobertores para dormir.

Visitei uma dessas barracas. O chefe era o cabo Benquerer (Teodorico Espirito Santo Benquerer, comerciário, filho de Grão Mogol) mas a barraca é chamada "dos Baianos". Lá estava o praça Estevam Gomes Machado, nascido em

Santo Estevam do Jacuípe, Baía, e residente no Caminho Novo, portão 18, Cidade do Salvador. Trabalhava na Circular quando foi convocado. Também do Salvador (Estrada da Liberdade, rua São Cristovão, 204) é o ex-comerciário Domingos Silva. No girau ao lado dorme um mineiro do Serro, cabo Antonio Lemos, e no seguinte o cabo José Armondos Gonçalves, nascido em Alegre, Espirito Santo. Armondos trabalhava em Alegre na Pensão Familiar, que é de um tio dele, mas resolveu ir para Porto Alegre, onde tem outro tio. De lá foi para Caxias, mas não gostou, por causa do frio e das nevasdas. Apresentou-se como voluntario, serviu no 9º B. C., entrou depois para a FEB — e se ele continua a não gostar de neve está bem arranjado aqui. Neste lugar geralmente não neva, mas quando passarmos por aqui amanhã, de volta à frente, estará tudo branco.

Passamos por outras barracas — "Estamos Secos", "Heroicos Mineiros", etc. O coronel, que nos recebeu e fez as honras da casa na ausencia ocasional do coronel Mario Travassos disse-nos que na hora de escolher os primeiros homens a ir para a frente para completar os efetivos desfalcados, a dificuldade foi grande: todos queriam ir. Na verdade o animo dos soldados é o melhor possível. Alguns deles me interrogam sobre a frente.

Aviso que a luta é dura, em um terreno ingrato, e que os alemães despejam em média sobre nossas linhas uns 500 tiros de canhão ou morteiro por dia.

Isso aparentemente não lhes tira o apetite.

Mostram-se suas habilidades: fogões (não receberam aquecedores) improvisados com latas de gasolina e chamiés com latinhas de comi-

da. Um chuveiro é feito com 2 latas de querosene de 18 litros cada uma. As latas são cheias com agua quente e cava-se um buraco, com um estrado de madeira lá no fundo, e um tapume de lona, que é o banheiro. Cada um inventa um jeito de viver com mais conforto, e qualquer material é aproveitado.

Junto do acampamento estão os campos de instrução e já ha em funcionamento um cinema, que passa filmes americanos comuns misturados com filmes educativos. A comida é razoavel — e farta. E ali, naquele pinheiral pintalgado de neve, uma aldeia brasileira se levanta — bem mais confortavel, timpa e provida que qualquer favela de morro, cortiço de cidade ou mucambo de mangue. Mas falta um conforto que nesses lugares do Brasil sempre ha — vós, oh! morenas, oh! claras, oh! caboclas e mulatas do Brasil...